

CARLOS QUINTAS É ARMANDO DEL CARLO EM "A GAIOLA DAS LOUCAS" E DIVERTE-SE MUITO COM ESTA PERSONAGEM

# “Temos que contagiar o público com o nosso divertimento”

*Actor. Cantor. Encenador. Na verdade, Carlos Quintas é um verdadeiro artista. Prefere o drama, mas faz muita comédia. No cinema, participou em “Camarate”. Em televisão, já fez várias séries e novelas. Mas é o teatro que lhe faz aumentar a adrenalina. Não sabe se o Armando Del Carlo é o papel da sua vida, mas tem a certeza de que se diverte muito a fazer este dono da discoteca de travestis de Cascais em “A Gaiola das Loucas”. Com 34 anos de carreira, Carlos Quintas garante que não lhe falta fazer nada, mas sim continuar com o que tem feito e com o que “aparecer”. Versatilidade e muita experiência de vida são as fontes primordiais das memórias que o actor pretende um dia escrever.*

Por Marisa Pinho

## Fale-nos do Armando Del Carlo.

O Armando Del Carlo tem uma discoteca de travestis. Uma coisa muito chique em Cascais, porque o Filipe [La Féria] adaptou a história a Portugal. Existe também outra família que é do Porto. A vedeta do travesti é um homem com o qual o Armando Del Carlo tem um caso há mais de vinte anos. Vivem em união de facto e criaram o filho do Armando até a idade de casar. Aí surge o grande problema. O filho do Armando Del Carlo quer casar com a filha de uma família do Porto e tem que apresentar a sua família aos pais da noiva. A grande história surge com o aparecimento dessa família à qual se tem que ocultar muita coisa. O pai da noiva é comendador e é dirigente de um partido político que é contra tudo o que seja relacionado com homossexuais. Esta é uma peça de homosse-

xuais, mas foca também a componente da política, do amor, da cumplicidade. Tem de tudo, porque os homossexuais vivem em sociedade e participam, como toda gente, em tudo.

## Foi difícil vestir este dono da discoteca de travestis de Cascais?

Não acho que tenha sido muito difícil. Já tenho feito papéis mais complicados e másculos. O último papel que fiz foi o do detective no West Side Story que era um homem horrível, sem sentimentos e sem virtude nenhuma. Era o oposto da personagem que estou a fazer agora.

## Como é deixar aquela personagem viril e rígida do detective no West Side Story para o Armando Del Carlo que é um homossexual?

Eu não concordo nada quando os actores dizem que se entregam à personagem e que levam muito tempo a libertarem-se



*Gosto muito de ensinar, se calhar até gosto mais de ensinar do que representar. Talvez eu esteja a pensar enveredar um bocadinho mais por aí. Gosto mais de dirigir do que ser dirigido. Há um grande desejo por aí.*

dela. Não acredito que seja verdade. É mentira. É uma invenção para especular um pouco sobre a nossa profissão. Nós estudamos a personagem, como estudamos para um exame. Eu já tenho idade para ir beber às fontes que conheço, às gavetas que tenho na minha cabeça. Conheci muita gente até hoje, homossexuais, amigos de homossexuais, lésbicas. Portanto, não precisei de ir para o meio deles para estudar a personagem, porque já tenho muita experiência de vida.

## Como geriu ter deixado West Side Story a meio e ter entrado de imediato na Gaiola?

Foi um bocadinho difícil, porque sair de casa com malas aviadas para vir viver para outro lado é sempre complicado. Mas um ano antes tinha feito a mesma coisa quando estava no “Música no Coração”. Ainda há um ano tinha deixado o Porto e agora voltei. Qualquer dia

compro casa no Porto. (Risos). Gosto muito de cá estar.

## Já tinha visto o musical?

Não. Conheço o filme. Vi primeiro o filme francês e depois o último filme americano. Mas o musical não vi. Não gosto de ver antes as peças que vou fazer. A primeira vez que trabalhei com o Filipe [La Féria] na peça “Passa por mim no Rossio”, o Filipe [La Féria] deu-me a cassetete e queria que eu a visse, mas recusei-me a ver.

## O que acha das adaptações que o La Féria tem feito nas suas peças?

Acho que está a melhorar. Esta peça tem poemas lindíssimos, os poemas estão muito bem adaptados e são mesmo superiores aos escritos em inglês. O Filipe, nesse aspecto, foi muito feliz.

## Concorda com La Féria quando este diz que o Armando Del Carlo é o papel

## da sua vida?

Nem concordo nem discordo. Não será o papel da minha vida. Fiz coisas muito bonitas e interessantes. Não sei se o My Fair Lady não será muito mais importante para mim do que este. Esse foi um papel que me deu muito prazer fazer e muito importante na minha carreira. Mas o Armando Del Carlo é um dos que também me deu mais prazer fazer.

## Há alguma cena da Gaiola que o arrepiava?

Há. Eu sou muito dramático. Puxo mais para o drama do que para a comédia, se bem que gosto muito de fazer rir as pessoas. Há dois momentos em particular que eu gosto muito e sinto muito quando os faço que são quando digo à Zazá que tem que sair de casa, porque os sogros do meu filho vão jantar lá. O outro é logo a seguir quando a Zazá canta para mim o “Eu sou o que sou” e me atira com a peruca no

momento em que estou a ouvir de lado. Não tenho intervenção directa, só física. Mas dá-me um arripiozinho. Para mim são dois momentos muito bons.

#### E qual o momento que foi mais complicado de fazer?

Esta peça é muito complicada por ser uma comédia, mas também é "descomplicada" por ser uma comédia. O cenário é grandioso, mas não é difícil interagir com ele.

#### Diverte-se com este papel?

Muito. Ah, se não fosse isso não conseguiria fazer. Todos nós nos divertimos imenso e, só assim é que se pode fazer uma peça destas. Temos que contagiar o público com o nosso divertimento. Estas são personagens muito divertidas.

#### Na sua opinião de actor experiente não receou como o público do Porto iria receber a "Gaiola dos Loucas"? Sabemos que no norte as pessoas são mais conservadoras.

Esta peça foi-me proposta pelo Filipe [Lá Féria] há 5 anos... Porque o Filipe [Lá Féria] fala das peças que quer fazer, como ele diz sempre, "antes de partir". Ele tinha muitas peças na cabeça e esta era uma delas. Na altura, só não tínhamos a certeza de quem seria a Zazá. Era a única dúvida que subsistia até chegar à ideia do Raposo. Em relação ao público do norte ser mais conservador, eu acho que é, mas temos tido uma recepção das pessoas que têm ido ver a peça que derruba todo esse convencionalismo. O público entrega-se de uma maneira que nos surpreende. Quando achamos que não se devem rir, as pessoas riem-se das coisas mais caricatas. É um preconceito dizer que as pessoas do norte são mais conservadoras.

#### Neste tempo que tem estado no Porto, na Gaiola, que comentários já tem ouvido do público?

Os comentários são os melhores possíveis. As pessoas reagem muito bem, gostam da peça. Há aspectos de que gostam mais e outros menos, mas isso acontece em qualquer peça. Não vejo que tenha havido grande problema em se ter abordado este tema em teatro.

#### Como foi trabalhar com o José Raposo?



O Zé começou comigo. A primeira coisa que fizemos foi o "Aqui há Fantasmas", ainda com o Henrique Santana, a Mariana Matos... Depois fizemos a "Annie", um musical com o César Azevedo, ainda o Filipe [Lá Féria] não fazia musicais... Portanto, já fizemos muita coisa.

#### Já há muita cumplicidade...

Tem que haver, principalmente nestes papéis que não têm nada a ver conosco. Para interpretar estas personagens têm que ser duas pessoas que se dêem muito bem. Eu gosto muito do Raposo, gosto muito do feitio dele, é um bom amigo,

um bom colega, um bom actor. Foi a pessoa ideal para fazer este papel comigo.

#### Há quanto tempo já trabalha com o Filipe La Féria? Que relação têm?

Há 19 anos, mas com interregnos de um ano, dois anos, meses. O maior interregno foi de três anos.

#### Então já o conhece bem?

Já, conheço-o muito bem e ele também me conhece bem a mim. Sei muito bem quando devo falar de certas coisas ou não falar de outras. (Risos). Já conheço muito bem as reacções do Filipe [La Féria] a

tudo. Aturamo-nos muito bem um ao outro.

#### Onde nasceu?

Sou algarvio. Nasci em Faro.

#### Desde sempre quis ser actor?

Sempre quis ser actor e cantor.

#### Há trinta e muitos anos o Carlos Quintas estava no top da rádios...

Tive duas coisas no top o "Viver viver" e "Vocês sabem lá", que era uma reposição que eu fiz em disco. Na altura, estava na moda o disco. Fui o primeiro a trazer as canções antigas para o moderno. Depois surgiram muitos outros primeiros.

#### Tem saudades desse tempo?

Não. Eu não tenho saudades do passado, vivo o presente e tenho menos saudades ainda do futuro. (Risos). Vivo só o presente. O passado é importante, porque são as memórias, mas não vivo disso. As coisas más apago-as da minha cabeça.

#### Profissionalizou-se em teatro em 1975.

Sim, estreei-me em Angola em 1972 e em Portugal em 1975. Comecei como amador aos 13 anos no Algarve.

#### Vem de uma família de artistas?

Sim. O pai era actor amador e era escritor, tem várias peças escritas por ele, mas nunca quis publica-las. É membro da Sociedade de Autores. A minha mãe cantava maravilhosamente, mas nunca teve a aptidão para ir para o canto e eu tinha que sair assim: tinha que cantar e fazer teatro. Não fui excepção, fui mesmo regra. Quando me perguntavam o que queria ser eu respondia que era professor ou artista.

#### O papel de encenador e de director de actores pesa o mesmo, mais ou menos que o de actor e cantor?

Quando comemorei os meus trinta anos de carreira, em 2005, estreei-me a encenar a "Marlene", com a Simone... Foi uma peça que me deu muito gozo dirigir. Eu gosto muito de ensinar, se calhar até gosto mais de ensinar do que representar Talvez eu esteja a pensar enveredar um bocadinho mais por aí. Gosto mais de dirigir do que ser dirigido. Há um grande desejo por aí.

#### Começou no Teatro Avenida, passou pelo Teatro Variedades no Parque Mayer, durante quatro anos integrou o elenco do Teatro Nacional D. Maria II, Politeama, Rivoli... Em qual casa se sente mais confortável?

O Teatro da Avenida foi em Luanda. Estreei-me no teatro Variedades com a Laura numa comédia. Estive quatro anos no Teatro Nacional D. Maria II... Já passei por todos os teatros comerciais de Lisboa e do Porto. Só não fiz o Capitólio. Agora, em qual me sinto mais à vontade é-me indiferente. O que me interessa num teatro a mim é o camarim. É o meu espaço, no meu caso, é a minha terceira casa. É onde podemos colocar as nossas coisas, as nossas memórias e onde vivemos. É o nosso espaço, é onde mora aquela personagem e nós também.

#### Quando descobriu a vontade e o gosto pelo teatro musical?

Eu tinha duas profissões: a de cantor e a de actor. Depois pensei que era complicado andar a vender discos, a fazer espectáculos no país e a fazer teatro ao mesmo tempo. Comecei a ficar retido no teatro e um dia tive que optar: ou fazia teatro ou fazia música. Tive a sorte de fazer musical que dava para conjugar as duas coisas.

#### O Carlos Quintas é conhecido do grande público pela sua aparição em televisão. Já fez novelas e séries...

Sim, mas não gosto muito de fazer televisão. Eu digo que não a muitas novelas, porque estou sempre a trabalhar. Quando não estou a trabalhar ninguém me diz nada.

#### A televisão não lhe dá adrenalina?

## As mudanças no teatro, segundo Carlos Quintas

### Sentiu muitas diferenças na área da representação antes e depois de 1974?

Oh... Claro que sim, por isso, é que estragaram tudo. O teatro ia tão bem até 1974, o público ia muito ao teatro e enchia o Parque Mayer... De repente aconteceu o 25 de Abril e passou a ser tudo de esquerda e intelectual. Era só Brest, como se o Brest fosse muito intelectual, na verdade o Brest era o mais popular no seu tempo. Eu quando cheguei de Angola decidi matricular-me no Conservatório para tirar o curso de teatro. E fui. Andei lá uma semana. Foi tanta a política e o comício que fizeram nas aulas

que desisti, isto em 1975.

### Portanto o teatro mudou para pior?

Sim. Depois houve outra grande e boa mudança e o Filipe foi um dos responsáveis dessa mudança com o "Passa por mim no Rossio". Foi o Filipe [La Féria] que deu um grande impulso ao novo teatro em Portugal. Já tinha havido teatros musicais, mas nunca tiveram o êxito que o "Passa por mim no Rossio" teve. Havia falta de uma chama que ele imprime nos espectáculos que fez com que as pessoas aderissem a este tipo de peças que foi difícil aderir com os outros empresários.

## CULTURA

Não. Fiz a última série com o Camilo, gosto muito de trabalhar com ele. Mas para mim o que é empolgante é o teatro. O teatro é uma adrenalina todos os dias incontável. Se não fosse isso eu já estava morto. (Risos).

### Se recebesse agora uma proposta para fazer uma novela aceitaria?

Neste momento? Nem pensar. Não dá. Eu tenho que dormir. Primeiro eu, a minha saúde e o meu bem-estar. Depois trabalho.

### Em cinema participou no "Camarate". Tem alguma coisa nesta área em vista?

Fui convidado há pouco tempo para fazer outro filme, mas eu disse que não.

### Porquê que não aceitou?

Porque não podia. Ia começar os ensaios da "Gaiola das Loucas", mas também não me apetecia fazer esse filme.

### Aos 34 anos de carreira de actor e cantor, pergunto-lhe o que é que ainda lhe falta fazer?

(Pausa) Nada. Continuar a fazer o que tiver que fazer. O que aparecer. Já fiz um filho, já plantei uma árvore...

### Já escreveu um livro?

Já. Escrevi uma peça, "Um Baile de Furriéis" que ganhou o 3º Prémio do Concurso dos Novos Autores da INATEL.

### Gostou da experiência?

Gostei muito e, neste momento, continuo a escrever. Tenho vários projectos.

### O que está a escrever?

Uma peça. Parei um pouco quando vim para o Porto, porque os ensaios foram muito absorventes durante quatro meses. Mas qualquer dia ainda vou escrever qualquer coisa baseada nas

**Costumam dizer que eu sou actor residente de Filipe La Féria, que ganho o meu cachet quer trabalhe quer não trabalhe. É completamente mentira. Não fui, não sou nem nunca serei actor residente do Filipe La Féria**

minhas memórias. Estou já a reunir material para isso para escrever algo engraçada.

### Filho de peixe sabe nadar, o seu pai era actor e a mãe cantora e o seu filho?

O meu filho é professor e está ligado ao mundo da aeróbica, o que também tem uma componente de arte. Canta muito bem, mas não tem tendência para ser cantor, actor ou para ir para cima dos palcos.

### E o seu neto?

O meu neto tem 16 anos, mas também não tem veia artística. Não é nesta geração... (Risos).

### Que conselho dá aos actores mais jovens que estão deslumbrados com o mundo da representação?

O que eu lhes digo é para terem um curso na mão, que também hoje em dia não serve para muito, mas é sempre bom, e depois para fazerem as "teatras" e as televisões todas que quiserem. Porque foi este o conselho que me deram com toda a razão. Um dia que me falhe o teatro posso fazer outra coisa qualquer. Se os novos actores já estão integrados numa companhia têm é que lutar pela sua carreira e continuar com muita força. Aqueles que pensam vir a ser actores que pensam muito bem, que pensam três ou onze vezes. E que estudem. Porque para se ser actor também é preciso um bocadinho de cultura geral e isso vai-se buscar ao estudo ou à experiência de vida. Mas só daqui há muitos anos é que terão uma bagagem que valha a pena. A nossa

profissão de actor é uma profissão de risco.

### Pode fazer o convite para as portuguesas poderem ir assistir à "Gaiola das Loucas".

Vão ver, porque é divertidíssima. Vão rir imenso. Vão encontrar um mundo real, mas que é diferente e que tem muita graça. Para além da seriedade com que o trabalho é feito, fala-se da homossexualidade. Apesar deste tema já não ser muito tabu ainda é um preconceito para certas pessoas. Talvez desmistifique um pouco o papão de se ser homossexual ou travesti. Vale a pena ir assistir a esta peça para se divertir e abrir novos horizontes e para me verem a mim também.

### O futuro de Carlos Quintas vai continuar dependente do futuro de Filipe La Féria?

Não. O nosso futuro não depende do futuro de ninguém, mas sim de nós próprios.

### Mas qual o futuro imediato?

O futuro imediato é continuar nesta peça até estar em cena e depois logo se verá o que vem a seguir com ou sem o Filipe [La Féria]. Costumam dizer que eu sou actor residente de Filipe La Féria, que ganho o meu cachet quer trabalhe quer não trabalhe. É completamente mentira. Não fui, não sou nem nunca serei actor residente do Filipe La Féria, porque ele não tem actores residentes. Portanto, eu não sei se o meu futuro é com o Filipe ou não, porque eu não pertencço a essa companhia. Pertencço hoje, amanhã posso não pertencer.

## "Deveria haver uma companhia nacional de revista"

Há um dos candidatos à Câmara de Lisboa que anunciou que vai revitalizar o Parque Mayer. Que ideias tem para o parque Mayer?

Não sou uma das pessoas que possa dizer que estou mais preso ao Parque Mayer. Eu já cheguei no declínio do Parque Mayer, mas ainda fiz quatro peças lá.

### Faz falta a Lisboa?

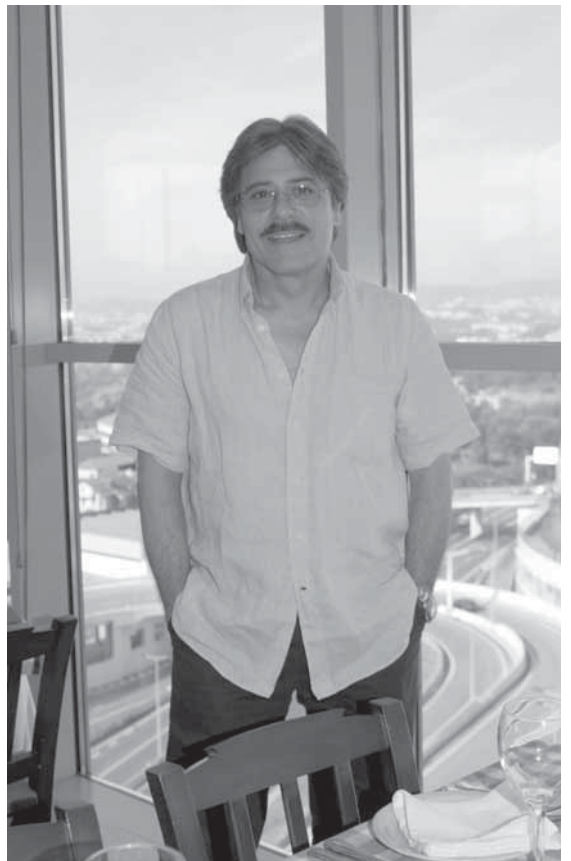
A revista faz falta a Portugal. Deveria haver uma companhia nacional de revista. A revista à portuguesa só existe em Portugal, é algo muito nosso. Parece que vamos deixar de ter tudo o que é nosso. Porquê? Temos coisas que são nossas características, como os belgas e os franceses também têm e não deixam acabar, porque são deles. As nossas tradições também têm que se manter. A revista é genuinamente portuguesa. É vicentino, é a crítica total à sociedade. Deveria haver uma companhia nacional de revista fixa, fazia-se uma revista por ano quer desse quer não desse e, assim, mantinha-se a nossa tradição. Felizmente somos dos poucos países do mundo que tem um teatro com características próprias que é a revista à portuguesa e que não existe em mais lado nenhum.

### Gostava de estrear "Um Baile de Furriéis" no Parque Mayer?

Gostava de ver a minha peça representada, independentemente onde quer que fosse, mas não dirigida por mim. Tinha curiosidade de ver outra pessoa a dirigi-la.

### Quem convidaria para dirigir a sua peça?

João Lourenço.



## Gravar um disco? Não me apetece

### Não pensa em gravar agora um outro disco?

Ainda hoje me perguntam porquê que não gravo um disco. Eu gravo um disco, mas tenho que o pagar do meu bolso. Até isso muda. Antigamente havia as editoras que apostavam em nós, mas agora não. Ainda não se conseguiu ultrapassar bem essa barreira das editoras nem dos autores. Não há autores que escrevam para nós. Tenho que ir pedir quase de joelhos para me escreverem uma cantiguinha para gravar os discos. É muito difícil. Acho que não vale a pena e competir com o género de música que se faz por aí. Não me apetece. A minha música é outra. Devo voltar com a idade do Frank Sinatra. (Risos).

### Na década de 70 e 80 ganhou vários prémios como cantor, participou em festivais e editou vários singles. Essa janela já está fechada ou se tiver oportunidade voltaria a editar mais?

Ganhei o Festival da Canção e fui à Eurovisão como autor, não como cantor. Nessa altura ainda se fazia boa música em Portugal. Havia bons autores. A partir de uma certa altura em que se começou a fazer publicidade na televisão com programas que levavam pessoas lá a cantar isto começou a entrar por outro caminho e passou a entrar noutra fase.

### Gravar um disco agora não lhe apetece...

Não, não me apetece. Era deitar algo para o lixo e isso não vale a pena.